

CAPITULO I

VIVEMOS NUMA IDADE ESSENCIAL-
mente trágica; por isso nos recusamos a tê-la como tal. O grande desastre aconteceu; achamo-nos entre ruínas, forçados a reconstruir novos habitats, a criar de novo pequenas esperanças. Trabalho bastante duro. Já não há caminhos fáceis à nossa frente: temos de contornar os obstáculos, pular por cima deles — e isso porque temos de viver, seja qual for a extensão do desastre havido.

Era mais ou menos esta a situação em que se achava Constance Chatterley. A guerra desabara sobre sua cabeça um teto, e a moça via claro que tinha de viver e aprender.

Casara-se com Clifford Chatterley em 1917, durante uma licença por ele passada em Londres. A lua-de-mel durou um mês. Terminada que foi, partiu o moço para o "front", em Flandres, donde regressaria seis meses depois, aos pedaços. Constance tinha então 23 anos e ele 29.

A tenacidade da vida em Clifford revelou-se maravilhosa. Não morreu. A cirurgia soldou seus pedaços numa operação de dois anos. Dada alta, pôde retornar à vida, com metade do corpo, da cintura para baixo, paralisada para sempre.

Isso em 1920. Constance e Clifford foram instalar-se na residência senhorial de Wragby Hall, a "sede" do clã. Já não existia seu pai e Clifford estava baronete — era Sir Clifford e Constance, Lady Chatterley. Foram recomeçar a vida de casados, com uma renda bem curta, no triste e deserto solar dos Chatterleys. A única irmã de Clifford afastara-se de lá e não havia nenhum parente que morasse perto. O irmão mais velho morrera em combate. E foi assim, paralisado para sempre, sem possibilidade de filhos, que mer-